

Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação: notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

Paula Nunes*

O ato tradutório não é uma prática independente, isolável, exceto por abstração pedagógica. O ato tradutório é um ato de linguagem. (...) Teorizar sobre tradução é equivalente a teorizar sobre linguagem.

Francis Aubert

Abstract: This paper begins with the following inquiry: if every bilingual is able to translate from their mother language to a foreign one (and vice-versa), what makes a translator unique and different from an average bilingual speaker? The hypothesis stated in this text is that the referred difference lies on the specialized reading a translator has of the text to be translated. Thus, it is proposed that, considering the theoretical scope of enunciative studies, translators read the process of meaning construction of the original text (that is, the énonciation), versus reading the product (that is, the énoncés), a natural procedure for a bilingual. Therefore, this article attempts to contribute for the studies on translation through the view of an enunciative theory, (re)thinking how Enunciation Language Studies conceive the role of the translator, as well as how the very practice of translation is conceived.

Key-words: Translator - Specialized reading - Enunciative studies.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ênfase em estudos do texto e do discurso. Licenciada em Letras pela mesma Universidade. Email: paulaavilan@gmail.com.

Resumo: O presente trabalho parte da seguinte indagação: se todos os falantes bilíngues possuem a capacidade de traduzir de sua língua materna para a língua estrangeira (e vice-versa), o que singulariza o tradutor e o diferencia do bilíngue comum? A hipótese levantada nesse texto é a de que a diferença reside essencialmente na leitura especializada que um tradutor realiza do texto a ser traduzido. Propõe-se, então, por meio do escopo teórico da Linguística da Enunciação, que o tradutor realiza uma leitura do processo de criação da significação do texto original (ou seja, da enunciação), em oposição à leitura do produto (ou seja, o enunciado), própria do falante bilíngue. Com isso, o texto tenta contribuir para os estudos sobre tradução desde uma visada teórica enunciativa, (re)pensando como os estudos enunciativos da linguagem percebem o papel do tradutor e concebem a prática tradutória.

Palavras-chave: Tradutor - Leitura especializada - Enunciação.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

Iniciar um texto que verse sobre tradução remetendo à já tão conhecida divisão tripartida proposta por JAKOBSON (2003) poderia excluir a expectativa de ineditismo sobre o assunto. No entanto, o alcance das considerações do linguista russo é amplo, e ainda parece-me útil retomá-las como ponto de partida para novas contribuições em tradutologia. Tendo em Roman Jakobson um dos mais célebres linguistas do campo dos estudos enunciativos da linguagem, minha proposta, nesse texto, é a de propor algumas notas sobre tradução com base nessa visada teórica. No entanto, a perspectiva que proponho aqui não exclui, como objeto de estudo, também o tradutor. Pelo contrário: a visão enunciativa da tradução *requer*, quase que como um pré-requisito, que se fale em sujeito tradutor. Isso porque a perspectiva enunciativa respeita a tradução como um ato produzido a partir de um sujeito que traduz, e não desvinculado desse, como o fazem alguns estudos na área, que tomam a tradução *per se* como objeto de estudo, desconsiderando precisamente aquele que lhe dá vida.¹ Dessa forma, ao abordar o processo tradutório desde o ponto de vista enunciativo, objetivo também, como não poderia deixar de ser, pensar a função do tradutor, tomando-o como leitor e como produtor de textos e, portanto, como negociador² de sentidos, um “profissional da intertextualidade” (cf. SOBRAL 2003: 204), com todas as implicações que daí advém. Isso implica, em última análise, refletir sobre como a Enunciação³ contempla tanto tradutor como tradução.

¹ Benedetti, em seu prefácio ao livro *Conversas com tradutores*, pontua muito bem a questão: “para a nossa cultura em geral, o substantivo tradução raramente vem desacompanhado de um complemento, o verbo traduzir nunca é intransitivo e - mais importante - *geralmente tem sujeito oculto*” (BENEDETTI 2003: 18. Grifo meu).

² A concepção de tradutor como *negociador de sentidos* merece tributo ao pensamento de Umberto Eco, que afirma: “o tradutor deve negociar com o fantasma de um autor muitas vezes já falecido, com a presença invasiva do texto fonte, com a imagem ainda indeterminada do leitor para quem ele está traduzindo (...) e às vezes (...) também com o editor” (Eco 2007: 405).

³ Nesse texto, faço uso do termo “enunciação” grafado com inicial maiúscula e minúscula. No primeiro caso, refiro-me ao campo de estudos da linguagem. No segundo, à colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização (cf. BENVENISTE 1989).

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

A fim de estabelecer a questão que engatilha esse ensaio, gostaria de retomar brevemente a forma como Jakobson classifica a tradução:

- 1) a tradução intralingual ou *reformulação (rewording)* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) a tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) a tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais (JAKOBSON 2003: 64-65. Grifos do autor).

Uma leitura atenta dessa passagem permite-nos tecer algumas conclusões. A primeira delas é a de que, se há tradução *dentro* de um sistema linguístico (em oposição à tradução *entre* sistemas linguísticos diferentes), isso quer dizer que todo o falante, seja ele bilíngue ou não, tem a capacidade de traduzir. Nesse sentido, talvez pudéssemos inclusive dizer que todos temos uma habilidade natural de tradução.⁴ No entanto, para a “tradução propriamente dita”, a equação se modifica e uma variável a mais entra em cena: nem todo o falante bilíngue é tradutor, ainda que faça, constantemente, traduções em sua língua materna e, até mesmo, em língua estrangeira (se pensarmos que também fazemos traduções intralinguísticas dentro do sistema linguístico da língua estrangeira). Isso, além de conferir um caráter peculiar à tradução interlingual, faz emergir a questão: se, como ressalta ALBIR (2005: 27), “a competência tradutória é diferente da competência bilíngüe”, como, então, “do bilíngüe emerge o tradutor” (ibidem: 25)? Ou, em outras palavras, se ser bilíngüe não garante ser tradutor,

⁴ Hurtado Albir menciona o trabalho de Harris e Harris & Sherwood, para quem existe uma “habilidade de *tradução natural*, uma habilidade inata de caráter universal que qualquer falante bilíngüe possui” (ALBIR 2005: 25 - grifos no original). Tomo o termo emprestado, consciente de que o flexibilizo, aplicando-o também para o contexto de falantes monolíngües. Assim, acrescento que essa habilidade natural de tradução também é manifestada, se pensarmos na tradução *intralingual*, pelo falante monolíngüe, à medida que esse realiza constantes traduções dentro de sua própria língua.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

o que faz do tradutor um bilíngue diferente? Essas são as primeiras perguntas que tentarei responder através de uma perspectiva enunciativa. Para tanto, parto das considerações de ALBIR (op. cit.) no que tange ao conhecimento especializado e à aquisição da competência tradutória.

Na tentativa de estabelecer diferenças entre a competência bilíngue e a competência tradutória, ALBIR (op. cit.) as resume na seguinte formulação: “a competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que *singulariza o tradutor* e o *diferencia de outros falantes bilíngües* não tradutores” (ALBIR 2005: 19. Grifos meus). Temos aí a distinção basilar: a competência tradutória é um conhecimento *especializado* e, portanto, não inato; para obtê-lo, é necessário que o aspirante a tradutor passe por um processo (na maior parte das vezes formal) de aprendizagem.⁵

Por se tratar de conhecimento especializado, “este supõe uma base ampla de conhecimentos” (ALBIR 2005: 21), dentre os quais a autora destaca a distinção proposta por ANDERSON (1983), em seu trabalho *The architecture of cognition* - obra a que não tive acesso-, para quem existe o conhecimento *declarativo* (saber *o que*) e o *procedimental* (saber *como*). Acrescenta ainda a perspectiva de PARIS ET AL. (1983 e 1984), para quem existe ainda um conhecimento *condicional* (saber *por quê*). Ainda que o propósito da autora não seja esse, a retomada das teorias desses autores parece-me permitir inferir que a reflexão de Albir encaminha-nos a pensar que o tradutor articula os três tipos de conhecimento: é preciso saber *o que* traduzir, *como* traduzir e *por que* traduzir.

Além disso, e essa é a grande contribuição da autora, a competência tradutória é alicerçada por uma série de subcompetências, inter-relacionadas e hierarquizadas. Dessa forma,

⁵ Aí parece residir também a distinção entre *tradução intra* e *interlingual*: a primeira parece ser uma habilidade inata, realizável por qualquer falante; a segunda, ao contrário, mobiliza um conhecimento não-inato que, tal como uma língua estrangeira, deve ser aprendido.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

a aquisição da competência tradutória seria (...) um processo de automatização gradual e de reflexão crítica sobre as próprias intuições. À medida que o conhecimento especializado avança, aumenta a habilidade para reconhecer traços situacionais e escolher estratégias apropriadas cada vez mais automatizadas⁶ e intuitivas (ALBIR 2005: 26 - grifos meus).

É sobre esse ponto, de *automatização* gradual, que gostaria de tecer algumas observações, aparentemente divergentes da autora, mas que, na verdade, partem do mesmo axioma: o tradutor, ao traduzir, mobiliza diferentes estratégias (que, poderíamos resumir, são de leitura, por um lado, e de produção, de outro). Do lado das estratégias de leitura, minha proposta é a de que, do ponto de vista enunciativo, o que ocorre (ou deveria ocorrer) na tradução é justamente uma "*desautomatização*" da leitura, conceito que explico mais adiante. Isso porque, se o processo tradutório implica competências e tomadas de decisão por parte do tradutor (o que é, inclusive, reconhecido por Albir no excerto acima citado), esse processo dificilmente pode ser automático, uma vez que cada texto exige decisões diferentes, que só podem ser tomadas a partir da leitura do tradutor. O que diferencia um tradutor humano de uma ferramenta de tradução parece residir essencialmente nisso: o tradutor lê (e lê *para* produzir) e é a partir dessa leitura e da mobilização (consciente ou não) de diferentes estratégias que ele produz tradução.

Considerando o exposto, preliminarmente, em resposta à minha pergunta inicial, poderia antecipar, portanto, que o que distingue um bilíngue de um tradutor reside na *especificidade da leitura* do último.

⁶ Torna-se importante precisar que o que Albir considera automático, pelo menos em minha interpretação de seu texto, não é a estratégia em si, já que a opção por uma ou outra estratégia depende do texto a ser traduzido. O que é automático é o *uso* dessas estratégias. Ou seja, do seu ponto de vista, o tradutor deve mobilizar diferentes estratégias ao traduzir e é precisamente esse "mobilizar" que, à medida que ele se torna mais experiente, se automatiza.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

Se minha hipótese estiver correta, é, então, necessário ainda responder outra pergunta: se o tradutor é um leitor, e um leitor especial, que toma decisões, em que ele difere do leitor comum? Ou, como pontua Cintrão,

quais as particularidades de sua leitura, se comparada à de outros leitores? Que elementos compõem a leitura competente para a tradução? O desenvolvimento do tradutor como leitor se aproximaria ou deveria se aproximar da formação do letrado, do lingüista, do analista do discurso, do analista literário? (CINTRÃO 2005: 73-74).

Para endereçar tais perguntas, proponho a seguinte formulação: o tradutor se distingue do leitor comum minimamente por dois aspectos, a saber, (1) ele lê *para* traduzir e (2) ele lê não o produto, o *enunciado*, mas o processo, a *enunciação* do texto.⁷

O primeiro aspecto, uma constatação um tanto óbvia, implica uma leitura que considere a transformação: o tradutor não lê o texto a ser traduzido para se informar, se divertir, se educar etc.; ele o lê para compreendê-lo e transmiti-lo a outros leitores que não têm a possibilidade de acesso ou as condições necessárias para a compreensão do texto original:

(...) todo ato de tradução envolve uma atividade de leitura de um texto numa dada língua que difere da leitura em geral porque é feita do ponto de vista de um profissional que, em vez de apenas entender o que lê ou responder/reagir ao que lê, deve enunciá-lo a outros interlocutores, tem de reconstituir/reconstituir/restituir o que lê em outra língua e que, portanto tem de penetrar em dois universos de discurso e colocá-los numa relação de interlocução (...) (SOBRAL 2008: 7-8).

O segundo aspecto, tributário do primeiro, exige a compreensão da distinção entre *enunciado* e *enunciação*. Vejamos como o *Dicionário de*

⁷ Ressalto que faço uso do termo “ler a enunciação” em sentido metafórico, longe da ingenuidade de achar que seria realmente possível ler algo do qual só vemos os efeitos por meio de sua materialidade (o enunciado). O que entendo pelo uso dessa metáfora deve ficar mais claro ao longo desse texto.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

Linguística da Enunciação (FLORES et al. 2009) define os dois termos segundo a perspectiva de diferentes autores do campo enunciativo:

	enunciação	enunciado
Authier-Revuz	Campo heterogêneo do conhecimento em que se articulam língua, fala e sujeito.	-
Bakhtin	Materialização da interação verbal de sujeitos históricos.	-
Bally	Ato do falante de utilizar os meios de expressão comuns a todos os indivíduos de uma comunidade linguística para expressar suas idéias e sua subjetividade.	-
Benveniste	Colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização.	Manifestação da enunciação, produzida a cada vez que se fala.
Culioli	Modo de constituição dos enunciados pelo qual se dá a construção de sentido.	-
Ducrot	Acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado.	(1) Manifestação particular de uma frase; (2) unidade argumentativa de sentido ⁸ .
Greimas	Instância linguística que permite a passagem da organização virtual do discurso à sua realização.	Produto resultante do ato enunciativo, independentemente da dimensão sintagmática.
Jakobson	Atividade pela qual se manifesta a presença codificada do falante naquilo que é falado.	-
Récanati	Acontecimento dotado de significação que ocorre em um local determinado e em um certo momento.	Ato de discurso que é dito em um local e em um momento determinados.

⁸ Uma vez que a rubrica *enunciado* foi sofrendo alterações conceituais à medida que Ducrot foi reformulando sua teoria, o *Dicionário* apresenta quatro entradas para o verbete *enunciado*. Apresento apenas as duas primeiras, visto que as outras duas são refinamentos da segunda acepção, mas que resguardam a ideia de “unidade argumentativa de sentido”.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

O cotejo entre as definições permite-nos concluir que:

- Independentemente do teórico em questão, as definições de *enunciação* apontam para algo mais abstrato, ligado a um *processo* de construção de sentidos. Atestam essa perspectiva expressões como *campo, ato, funcionamento, acontecimento, instância linguística, atividade*;⁹
- As definições de *enunciado*, por seu turno, tendem a tomá-lo como um *produto, resultado pontual* de uma manifestação linguística. Atestam essa perspectiva expressões como *manifestação, unidade, produto, ato* (em oposição a *acontecimento*);
- Tanto *enunciação* quanto *enunciado* referem-se a um uso *subjetivo, particular e instanciado* da linguagem. Isso é, referem-se sempre a um sujeito que fala em um determinado tempo e lugar.

Tendo essa distinção em mente, é possível, então, pensar na diferença entre “ler o enunciado” e “ler a enunciação” de um texto a ser traduzido, questão-chave para minha proposta aqui, pois é precisamente por meio da “leitura da enunciação” que entendo o que chamei de *desautomatização da leitura*. Desautomatizá-la, em minha perspectiva, se equaciona a ir além da simples materialidade do texto, suspeitar da transparência do enunciado, passando a interrogá-lo como produto de uma enunciação, resultado, portanto, de uma articulação particular de *forma e sentido* (cf. BENVENISTE

⁹ Poder-se-ia argumentar que a definição bakhtiniana de *enunciação* como materialização vai de encontro à minha proposta, estando mais próxima da interpretação que proponho para *enunciado*. No entanto, como o próprio *Dicionário* aponta, *enunciação* e *enunciado* se confundem na obra de Bakhtin por se tratarem de uma mesma palavra (em russo: *viskázivanie*). Ironicamente, foram os tradutores do texto russo que optaram por um ou por outro termo, conforme seu entendimento do contexto. Nesse caso, foi a tradução que criou as definições que utilizamos hoje em dia. Para maiores informações, consultar o verbete *enunciação (Bakhtin)* no referido *Dicionário*.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

1989), produzida pelo autor do original. Isso não quer dizer, no entanto, que o tradutor deve procurar saber *o que* o autor quis dizer (se é que isso é possível sem uma explicação por parte do próprio autor); antes, o tradutor deve procurar saber *como* o autor disse o que disse, isso é, como o texto se configura em uma organização semântica particular, ou seja, como o texto produz sentido, como o autor, em seu uso particular da linguagem, articulou *forma* e *sentido*, produzindo uma sintaxe própria.¹⁰ Como bem resume Sobral no posfácio ao livro *Conversas com tradutores*, o tradutor não deve ver “apenas os movimentos construídos do texto, mas também os movimentos de sua construção” (SOBRAL 2003: 204).

Do que foi exposto até o momento, seria lícito então perguntar: se o tradutor lê a enunciação, o que ele traduz? É possível traduzir a enunciação ou a tradução se dá somente no nível do enunciado? Vejamos o que Batalha e Pontes Jr. ensinam:

A análise apurada do texto de partida permite que se trace seu perfil e sua função. Ao tradutor cabe preservar essa função, considerando as condições de enunciação e as estruturas super, macro e microtextuais, dentro do que lhe for possível (BATALHA & PONTES JR 2007: 47).

Interessa-nos observar, no excerto reproduzido acima, que, para cada texto a ser traduzido, existem condições de enunciação que o caracterizam, condições essas que, segundo os teóricos, devem ser preservadas no texto original. No entanto, os próprios autores reconhecem que “a inadequação dos

¹⁰ Flores (no prelo) concebe o que chama de *sintaxe da enunciação*, cuja característica principal é ser uma relação singular entre *forma* e *sentido*. Para o autor, a língua funciona como uma espécie de funil, utilizado pelo locutor para tentar garantir um sentido, tentativa presente em toda a enunciação. Esse funil é justamente a *sintaxe da enunciação*, a maneira pela qual o sujeito articula *forma* e *sentido* na expectativa de garantir que o sentido que deseja transmitir seja o sentido efetivamente compreendido, o que, sabemos, é uma ilusão necessária a todos aqueles que enunciam, inclusive ao tradutor. Isso porque, se toda a tradução é já e também uma enunciação (cf. infra), então toda a tradução é também uma tentativa de afunilamento do sentido (cf. NUNES 2008). No tocante à tradução, a sintaxe da enunciação pode, portanto, ser entendida como o modo pelo qual o sujeito tradutor articula *forma* e *sentido* para tentar garantir a manutenção daquilo que ele entende como sendo o sentido do texto-fonte.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

objetivos entre texto original e texto traduzido provoca mudanças nas condições de enunciação e, por conseguinte, na função e na natureza do texto" (BATALHA & PONTES JR 2007: 48). Ora, se a própria condição de existência da tradução é uma mudança nas condições de enunciação,¹¹ fica evidente que, apesar de o tradutor realizar aquilo que chamo de *leitura da enunciação*, ele não *traduz* a enunciação. Isso não significa, entretanto, que traduza simplesmente - ou exclusivamente - o enunciado, numa espécie de transferência de uma língua para outra. Conforme aponta Nunes,

para a Enunciação, a tradução não pode ser vista como restituição. Não há como reconstituir algo com o grau de efemeridade de uma enunciação. Além disso, (...) o sentido não é *dado*, mas *interpretado*. Não se trata, assim, de restituir um sentido em uma outra língua, mas de, através de um ato interpretativo, produzir uma nova enunciação, na qual o sentido não é senão aproximativo do sentido do original. Trata-se, portanto, não de *reconstituir*, mas de *constituir*, em um novo lugar, em uma nova língua, um sentido (NUNES 2008: 66-7).

Dessa forma, é possível concluir que não se *traduz enunciação*, mas se recria condições de enunciação que provoquem efeitos no leitor da tradução tão próximos quanto àqueles que são provocados no leitor do original. Nessa perspectiva, traduzir se aproxima à visão de Umberto Eco, para quem traduzir

quer dizer entender o sistema interno de uma língua, a estrutura de um texto dado nessa língua e construir um duplo do sistema textual que, *submetida a uma certa descrição*, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintático, quanto no plano estilístico, métrico, fono-simbólico, e quanto aos efeitos passionais para os quais tendia o texto fonte (ECO 2007: 17-8. Grifos do autor)

¹¹ Afinal, a tradução só existe pois há a emergência de uma nova condição de enunciação: trata-se da reescrita de uma nova mensagem (o texto traduzido), para um novo *tu* (o leitor da tradução), a partir de um novo *eu* (o tradutor), por meio de um outro *ele* (a língua-alvo).

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

Ao que acrescenta:

“submetido a uma certa discricção” significa que toda tradução apresenta margens de infidelidade em relação a um núcleo de suposta fidelidade, mas que a decisão acerca da posição do núcleo e a amplitude das margens depende dos objetivos que o tradutor se coloca (ibidem).

Essa última consideração de Eco toca no ponto nevrálgico de minha proposta de abordagem enunciativa de tradução: se as condições de enunciação mudam, fazendo com que o tradutor seja impelido a tomar decisões com base nos objetivos que se coloca, isso significa que, mesmo que não traduza a enunciação, o tradutor é condicionado por ela. A mudança nas condições de enunciação faz com que o sucesso de uma tradução dependa “não só da compreensão da mensagem pelo destinatário, mas também de *como* a transmissão é feita pelo tradutor” (BATALHA E PONTES JR. 2007: 48. Grifo meu). É precisamente pelo *como*, em detrimento ao *o que*, que a enunciação se interessa, visto que “traduzir é um ato que sempre *deixa uma marca do processo* de alteração daquilo que é transportado” (SOBRAL 2008: 7-8. Grifo meu). Marcas essas que são resultado da leitura especializada do tradutor, pois como bem aponta Ottoni, “a tradução pode ser vista como a materialidade de uma leitura: tradução é enunciação, traduzir é enunciar” (2005: 45). E, se traduzir é enunciar, isso gera consequências que precisam ser desenvolvidas em todas as direções, o que tento demonstrar por meio da análise de um caso particular de tradução, exposto a seguir.

O caso que utilizo como exemplo consiste em uma reportagem divulgada pelo tabloide *New York Post*, em dezembro de 2008, quando o então eleito - mas não empossado - presidente norte-americano, Barack Obama, foi flagrado sem camisa por um fotógrafo, enquanto passava suas férias no Havaí.¹² A manchete que acompanhava a foto lia: *Fit for office: Buff*

¹² A capa do jornal pode ser vista em http://imgs.sfgate.com/c/pictures/2008/12/23/mn-obama24_buff_0499590235.jpg.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

Bam is Hawaii hunk. A notícia ganhou o mundo e, no Brasil, o Jornal da Globo noticiou:¹³

Mas além de presidente eleito, ele é uma celebridade. E nessa condição é alvo preferencial de uma categoria que nunca tira férias: os paparazzi. Um deles conseguiu fotografar Obama saindo da praia. A foto foi parar na capa do jornal sensacionalista "New York Post". A manchete era: "Em forma para a presidência". É uma brincadeira que pode ser traduzida como: "Obama sarado é o bonitão do Hawai".

Além disso, cabe a ressalva de que o título da reportagem brasileira era "Os outros 'atributos' de Barack Obama". Tomemos esse caso, então, como objeto de análise, atentando para alguns aspectos gerais sobre original e tradução para, posteriormente, pensarmos em sua relação com a proposta de abordagem enunciativa aqui apresentada.

Primeiramente, é importante observar em que condições o jornal norte-americano noticiou o fato. Tratava-se de um momento de euforia pela conquista da vitória de Obama nas eleições, mas também um momento de dúvida quanto à capacidade do presidente de realmente mudar os rumos de um país em crise. Nesse contexto, *fit for office* carrega, minimamente, dois sentidos, sobrepostos e condensados nas três palavras: a construção enxuta permite a leitura de *fit* tanto como adjetivo simples quanto como um deverbais. Como o primeiro, refere-se, indubitavelmente, à boa forma física do presidente. Como deverbais, remete a *to fit*, verbo que significa, dentre outras coisas, ser adequado para alguma coisa.¹⁴ No caso da manchete teríamos, então, a dupla interpretação: ao mesmo tempo em que *fit* dá a ideia de que o presidente está em forma, também denota que ele é a pessoa

¹³ A reportagem pode ser acessada em <<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL933998-16021,00-OS+OUTROS+ATRIBUTOS+DE+BARACK+OBAMA.html>>.

¹⁴ Tal acepção pode ser encontrada no Cambridge advanced learner's dictionary, que registra, para o verbo *to fit*, a seguinte definição e exemplo: *to be suitable for something: With her qualifications, she should fit the job perfectly.*

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

certa para assumir o gabinete presidencial (*office*), o que, na época de divulgação da notícia, era dúvida entre os americanos.

Por seu turno, o subtítulo da manchete em questão impõe ao tradutor, e não só do português, uma séria dificuldade. No entanto, é preciso compreendê-la para entender também a argumentação que faço a seguir. Por isso, uma vez que não encontrei uma tradução que julgasse apropriada para a expressão *Buff Bam is Hawaii hunk* proponho, pelo menos, uma explicação para ela, na tentativa de elucidar meu leitor. *Buff* pode ser lido como remissão à expressão *buff up*, que, segundo o *Longman dictionary of contemporary English*, significa *to exercise in order to make your muscles bigger* [se exercitar para tornar seus músculos maiores]. *Bam*, por não ser uma palavra da língua inglesa,¹⁵ pode ser entendido como uma redução do nome Obama.¹⁶ E *hunk*, por seu turno, usado de maneira informal, ainda segundo o dicionário *Longman*, refere-se a um *sexually attractive man with a big strong body* [homem atrativo sexualmente, com um corpo grande e forte].¹⁷ O subtítulo refere-se, portanto, ao sucesso que Obama fez no Havaí pelo seu porte físico atlético, talvez até inesperado para um presidente.

Feitas essas considerações, passemos, então, à observação da versão brasileira. Primeiramente, releva salientar que, como vimos no excerto reproduzido acima, a tradução brasileira ignora o subtítulo da manchete e se atém a apenas uma das interpretações possíveis para o título, a que poderíamos pensar ser a mais óbvia (a forma física de Obama), traduzindo-o por “Em forma para a presidência”. Mas interessa-nos observar também - ou diria que nos interessa ainda mais - dois movimentos realizados pelos redatores brasileiros. O primeiro deles é o comentário sobre a tradução: “é

¹⁵ A não ser como onomatopéia, registrada pelo dicionário *Longman*, referindo-se a algo que acontece muito rapidamente. Tal acepção, porém, não parece ser o caso utilizado no exemplo em questão.

¹⁶ Tal inferência parece também ser ratificada pelo uso de maiúscula na palavra *Bam*.

¹⁷ É importante observar que essa acepção é um uso especial do termo *hunk*, que, originalmente, refere-se a um pedaço de alguma coisa. Temos um uso parecido, em língua portuguesa, com a expressão “pedaço de mau caminho” para se referir a uma pessoa tida como muito atraente.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

uma brincadeira que pode ser traduzida como: ‘Obama sarado é o bonitão do Hawai’”. Essa é uma estratégia interessante, pois, como tentei evidenciar acima, a expressão *Buff Bam is Hawaii hunk* impõe sérias dificuldades de tradução. A opção adotada pelo tradutor brasileiro foi, portanto, a de *comentar* - e não propriamente de *traduzir* - o subtítulo, um comentário feito de forma muito particular: o próprio tradutor vê o subtítulo como uma forma de tradução do título principal, uma vez que afirma ser “uma brincadeira que pode ser *traduzida* como ...”.

O segundo movimento que nos interessa diz respeito ao título da reportagem brasileira. Se, na versão americana, há um duplo sentido, evocado principalmente pelo uso do termo *fit*, em português esse jogo de palavras encontra sua existência em uma tradução que, para muitos, talvez não fosse vista como “tradução propriamente dita”. Os “outros ‘atributos’ de Obama”, podem ser lidos como atributos físicos, como a foto que acompanha a reportagem nos incita a pensar, mas também pode se referir aos atributos intelectuais, necessários a um futuro presidente. Temos, nesse caso, a tradução de uma expressão que não considera a *forma* do texto original, mas prima pela manutenção do *sentido*, ou mais especificamente, do efeito que o jogo de palavras causa no leitor.

Essas considerações fazem emergir algumas questões: se, do ponto de vista enunciativo,

- traduzir é tomar decisões que deixam marcas no texto traduzido, que marcas constituem o fazer tradutório do tradutor brasileiro dessa reportagem? Como sua leitura se materializa na tradução?
- traduzir implica “ler a enunciação” do texto, entendendo sua arquitetura, o modo como o autor articula *forma* e *sentido* (o que implica pensar os dois *juntos*), uma tradução que prime pela *forma*, em detrimento ao *sentido*, ou vice-versa, é ainda uma tradução?

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

Endereço agora cada uma dessas perguntas, ciente de que, talvez, não possa ser capaz de fazer mais do que propor algumas considerações iniciais, que não encerram a discussão, nem aspiram a ser respostas definitivas.

Com relação à primeira pergunta, o exemplo aqui adotado permite considerar que, no caso específico dessa tradução, o tradutor se marca justamente na (ao menos aparente) impossibilidade da tradução. É ao esbarrar na dificuldade de traduzir o trocadilho que abre a manchete, bem como o subtítulo que a completa, que ele se vê obrigado a fazer uso de diferentes estratégias de compensação, o que só lhe é possível porque, diferentemente do falante bilíngue, o tradutor possui *competência tradutória* e *estratégias de tradução*. Sua leitura específica e diferenciada assim o requer, uma vez que o que está em jogo não é o sentido do texto enquanto informação pura (enunciado), mas enquanto construção do sentido (enunciação). Contudo, o que chama a atenção é que nenhuma dessas estratégias se configura em uma tradução, à maneira que comumente pensamos o termo. Isto é, não há, no caso citado, uma tradução em que se pode reconhecer a *forma* do original. No entanto, reconhecemos seu *sentido*. A leitura do tradutor é, pois, a leitura do *sentido*, e, mais ainda, é a leitura da formação desse sentido, materializada na tradução na forma de um comentário sobre a própria tradução, de um lado,¹⁸ e na forma de uma “paráfrase interlinguística”¹⁹ de outro,²⁰ ambas convergentes para um só lugar: aquilo que o tradutor concebe como o *sentido* do texto original. Isso leva, de imediato, à segunda pergunta.

Se, conforme o ponto de vista da Enunciação, a linguagem se estabelece na eterna relação entre *forma* e *sentido*, a questão que se impõe ao tradutor é: *como manter o sentido quando a forma muda?* Isso porque, em

¹⁸ No caso de “brincadeira que pode ser traduzida como...”.

¹⁹ É interessante observar que, para o verbete *paráfrase*, a primeira acepção encontrada no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* é exatamente “interpretação ou *tradução* em que o autor procura seguir mais o *sentido* do texto que a sua *letra*” (p. 2127 – grifos meus).

²⁰ No caso do título da reportagem brasileira (“Os outros ‘atributos’ de Barack Obama”).

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

tradução, a forma *sempre* muda, pois o código linguístico muda. Talvez seja isso o que Benveniste queira dizer quando aponta que é possível transpor o *semantismo* de uma língua para outra, isto é, o *sentido*, mas não o *semioticismo*, a *forma*, tomada em sua essência. A tarefa do tradutor seria, portanto, a de articular uma nova *forma* a um “mesmo” *sentido*, “mesmo” entre aspas, pois, sabemos, na perspectiva enunciativa, nada é o mesmo, mas sempre o lugar onde irrompe o novo, já que a enunciação (*versus* o enunciado, repetível) nunca se repete. Dessa forma, parece-me lícito afirmar que, desde esse ponto de vista, *tradução é sempre tradução da formação do sentido*,²¹ em uma constante batalha para adequá-lo a uma forma escorregadia, que insiste em não permanecer a mesma.

Tendo isso que proponho algum fundamento, então, seria possível afirmar que a perspectiva enunciativa flexibiliza o próprio conceito de tradução, uma vez que mesmo aquilo que chamei de “paráfrase interlinguística” pode ser vista como um ato tradutório. Aliás, é de se pensar que, em Enunciação, toda tradução, independentemente do grau de fidelidade à *forma* do original, é uma paráfrase, haja vista que consiste em dizer “o mesmo” de outro modo, em uma tentativa incessante de explicar o que o texto-fonte quis dizer. É o caso do título da reportagem brasileira, que em nada lembra a *forma* da sua contraparte em inglês, mas que, de uma maneira muito particular, resguarda seu *sentido*, recriando condições de enunciação necessárias para que o efeito causado no leitor seja minimamente semelhante àquele causado no leitor do texto original.

Tradução, em Enunciação, é, portanto, sempre (re)criação, e (re)criação a partir do *sentido*. Isto é tão caro à perspectiva enunciativa que a

²¹ Antecipo a pergunta inquietante: e quanto às traduções que vêm como urgente a tradução da forma, como normalmente é o caso da tradução do texto poético? Não creio que a resposta vá de encontro ao que proponho aqui: a tradução é sempre do sentido, e a forma é mais ou menos importante para atingir esse objetivo. O que não existe, porém, é tradução apenas da forma. Há sempre o vínculo de sentido que une os dois textos. O sentido é, para usar as palavras que BERMAN (2007) emprega em outro contexto, o “contrato de uma tradução e seu original” (p. 38).

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

tradução passa a ser vista mesmo como uma forma de *discurso indireto* (cf. JAKOBSON 2003), ou, como ECO (2007: 273) retoma de PETRILLI (2000), é “um discurso direto mascarado de discurso indireto”, pois contém, por parte do tradutor, “o aviso metalingüístico implícito ‘o Autor diz na própria língua o que segue’” ou ainda “‘este termo ou esta frase querem dizer que’”. E “querer dizer que” nada mais é do que a tentativa de captura do *sentido*.

À guisa de conclusão, gostaria apenas de lembrar que, se, enunciativamente falando, tradução é sempre tradução do sentido, o exemplo proposto neste texto revela uma inquietação. Ironicamente, o tradutor reconhece, pela sua própria estratégia de *não* traduzir (no sentido que estamos acostumados a tomar tradução), que o sentido não é apreensível em sua totalidade e não é reproduzido de maneira justa, precisamente porque a *forma* muda. Eis o paradoxo: o tradutor visa a traduzir o *sentido*, adaptando-lhe a *forma*, mas a própria mudança na *forma* impõe a mudança no *sentido*, num círculo vicioso que ratifica as palavras de Sobral: “traduzir é conviver com o desejo que jamais se realiza, é viver na companhia constante da impossibilidade de realizar plenamente o sentido - *e no entanto se traduz*” (SOBRAL 2003: 214. Grifos do autor). Eis aí a condição eterna do homem na língua.

Referências bibliográficas

- ALBIR, A. H. A Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. *Competência e tradução*. Cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005: 15-57.
- BATALHA, M. C.; PONTES JR., G. (2007) *Tradução*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENEDETTI, C.; SOBRAL, A. *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes. 1995.

Nunes, Paula - Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação:
notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução

- _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989
- BERMAN, A. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- Cambridge advanced learner's dictionary*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CINTRÃO, H. P. *Sobre a capacidade de análise lingüística e literária como componentes da competência do tradutor*. Tradterm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e terminologia/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo - n. 11, São Paulo, 2005: 1-340.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FLORES, V. do N. *Sujet de l'énonciation et ébauche d'une réflexion sur la singularité énonciative*. (no prelo)
- _____. et al. *Dicionário de Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. 19º ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- Longman dictionary of contemporary English*. England: Longman- Group Ltda, 1995.
- NUNES, P. A. *O tradutor como função enunciativa*. Monografia de conclusão de curso. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2008.
- OTTONI, P. *Tradução manifesta: double-bind & acontecimento*, seguido de Fidelidade a mais de *um*: merecer herdar onde a genealogia falta, de Jacques Derrida. Campinas: Editora da UINICAMP; São Paulo: EDUSP, 2008.
- SOBRAL, A. *Dizer o "mesmo" a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.